

Neide Silva o ensino dos saberes circenses na Escola Picolino

Eliana Rosa Correia (UNESP)¹

RESUMO

As artes circenses ganharam grande destaque nas últimas décadas do século XX, sob uma perspectiva pedagógica e artística. Com a abertura das escolas de circo no Brasil, a aprendizagem dos saberes do circo teve uma abrangência significativa, abrindo uma dimensão interdisciplinar dessas práticas e apresentando-se como proposta à formação de novos artistas circenses. Investigando esse diálogo, este artigo pretende refletir sobre a formação das artes do circo no Brasil e os desenvolvimentos pedagógicos realizados na Escola Picolino de Artes do Circo pela Mestre Neide Silva, artista circense que construiu narrativas na formação e na pedagogia dos saberes circenses, ampliando a influência dessa arte na cena nordestina.

PALAVRAS-CHAVE: Circo; escola; formação; pedagogia; mestra.

RIEPILOGO

Le arti circensi hanno acquistato grande importanza negli ultimi decenni del Novecento, dal punto di vista pedagogico e artistico. Con l'apertura delle scuole del circo in Brasile, l'insegnamento della conoscenza circense ha avuto una portata significativa, allargandosi a una dimensione interdisciplinare di queste pratiche e presentandosi come una proposta per la formazione di nuovi artisti circensi. Indagando su questo dialogo, questo articolo intende riflettere sulla formazione delle arti circensi in Brasile e sugli sviluppi pedagogici portati avanti presso la Scuola Picolino di Arti Circensi della Maestra Neide Silva, artista circense, che ha dato una grandissima contribuzione nella formazione e nella pedagogia del sapere circense, espandendo l'influenza di quest'arte nella scena nord-orientale.

PAROLA CHIAVE: Circo; scuola; formazione; pedagogia; maestra

INTRODUÇÃO

A Escola Picolino de Artes do Circo teve a sua origem a partir dos trabalhos artísticos desenvolvidos pelos artistas circenses do grupo “Tapete Mágico”, formados da Academia Piolin de Artes Circenses em São Paulo. Viajando em turnê por Salvador,

¹ Eliana Rosa Correia é Doutoranda em Artes pela Universidade Estadual Paulista – UNESP sob orientação do Professor Mario Fernando Bolognesi, integra o grupo de Pesquisa da CAPES “O Circo e o Riso”. É docente no Senac São Paulo e na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Atua como Artista da Cena na Coletiva Wonder, é diretora da Cia Ímpar, e pesquisadora de circo e comicidade.

na Bahia, o grupo percebeu que, ao longo de suas apresentações, o público demonstrava muito interesse nos espetáculos e também desejava adquirir experiências práticas das técnicas circenses apresentadas. Desse modo, antes e depois de cada espetáculo, o grupo desenvolvia aulas livres de técnicas circenses junto ao público ali presente. Gallo (2009, p.71) nos relata um pouco dessa história:

Em 1984, o Tapete Mágico viajou pelo Brasil e, entre as várias etapas, parou na Cidade do Salvador, no Estado da Bahia, na qual continuou a apresentar espetáculos. Os integrantes do grupo observaram que, após cada espetáculo, era sempre crescente o número de crianças que, fascinadas pelas técnicas, queriam brincar e fazer circo e perguntavam se podiam experimentar os instrumentos para provar da experiência de se sentirem artistas de circo. Essas brincadeiras desenvolvidas com o público, antes e depois dos espetáculos, se transformaram gradualmente na organização de oficinas sistematizadas direcionadas principalmente às crianças.

Verônica Tamaoky e Anselmo Serrat, artistas circenses que faziam parte do grupo, pensaram na possibilidade de fundar uma escola de circo, permitindo desse modo, uma maior divulgação das técnicas circenses e uma oportunidade para trabalhar e permanecer em Salvador.

A partir dessa ideia, conseguiram, em setembro de 1985, concretizar a abertura da Escola Picolino de Artes do Circo. O nome da escola foi uma homenagem a Roger Avanzi, o Palhaço Picolino, ressaltado como uma das figuras mais importantes do circo brasileiro em meados do século XX, que também trabalhou como professor na Academia Piolin em São Paulo (AVANZI E TAMAOKI, 2004).

O circo Picolino ao contrário dos circos tradicionais, não possui uma história que anteceda a sua idade, ou seja, o fundador e diretor da Escola Picolino, Anselmo Serrat, não é originário de famílias de circo, e sim proveniente de escolas de circo que existiam no Brasil. O Picolino nasce do desejo, da vontade de se produzir arte e viver dela (FILHO, 2007, p. 108).

O início da escola foi precário, com seus primeiros materiais e equipamentos fornecidos pela Escola de Educação Física da Universidade Católica de Salvador (Gallo, 2009). Eram equipamentos que estavam abandonados, como tatames e trampolins e após uma recuperação desses materiais, a escola iniciou as aulas com uma pequena turma de estudantes.

Fortalecendo parcerias na cidade de Salvador, a escola recebeu um convite para pesquisar o circo na Bahia e saiu pelo interior do estado conhecendo diversos artistas

circenses, e foi após esse contato que alguns desses circenses foram convidados a trabalhar na Escola Picolino. Em 1986, a Picolino já possuía sua primeira equipe de professores (Filho, 2007).

Segundo o pesquisador Juracy do Amor (2007), a Escola Picolino surgiu como um espaço de fruição artística na cidade de Salvador, sendo uma escola com alunos assistidos socialmente e também com um público de estudantes pagantes. A escola, teve sua sede modificada por vários fatores e somente em 1996, 11 anos após a sua fundação, conseguiu um local fixo para o seu funcionamento, localizado na Avenida Otávio Mangabeira s/nº, no bairro Pituaçu, em Salvador, Bahia. Neste local, novos circenses chegaram para trabalhar e entre eles, a artista circense Neide Silva.

A Mestra Neide Silva e a Escola Picolino

Jucineide Silva, conhecida artisticamente como Neide Silva, começou a atuar como circense a partir dos 7 anos em circos pelo interior do nordeste. Em entrevista para Souza (2012), Neide Silva relatou o início de sua história no circo. Após a morte de sua mãe, seu pai, o Sr. João Francisco Silva, que era fotógrafo na época, foi trabalhar no circo Tarugo na cidade de Capela, em Sergipe, e levou com ele seus quatro filhos: Jurineide, Jucineide, Fernando e José Alfredo. Neide e sua irmã Jurineide por serem pequenas e terem um corpo flexível, iniciaram a técnica de contorção com os circenses que trabalhavam nesse circo e praticavam as técnicas do contorcionismo enquanto brincavam por entre as lonas.

Esta forma de aprendizado informal trata da vivência empírica, própria do fazer circense, que faz das tarefas cotidianas de um circo, uma transmissão oral de técnicas experienciadas ao longo de várias gerações. A tradição vivida cotidianamente por estes artistas faz com que a cada nova situação em uma nova praça, haja recursos para enfrentar sempre os problemas que surgem (SOUZA, p.30, 2012).

Após esse início, ela cresceu e viveu no universo do circo, trabalhando como contorcionista, cantora, atriz no circo-teatro, foi comediantes e ficou conhecida como a

Rainha do Bole-Bole. Sua família foi proprietária do Circo Leal Bahia, seu pai se transformou no palhaço Cadillac e seus irmãos trabalharam com corda, trapézio, argola e muitos outros trabalhos nos circos itinerantes do Nordeste (Souza, 2012). Ela se casou aos 19 anos e construiu uma família de circenses.

Em 1998, enquanto trabalhava no circo do seu filho, recebeu o convite para integrar o quadro de professores na Escola Picolino de Artes do Circo, desenvolvendo os saberes circenses até 2005. Nessa escola, realizou a formação de dezenas de contorcionistas, muitos destes trabalham em circos nacionais e internacionais, outros tornaram-se professores e hoje atuam em ONGs e instituições de ensino do circo. Em entrevista para o “Projeto Eles Merecem Aplausos”, Neide Silva relatou um pouco da sua experiência como professora na Escola Picolino:

Muitos meninos chegavam, eu conversava muito com eles, havia tristeza e dificuldades. Eram garotos, meninos, e eu dava muito apoio, porque eles precisavam além dos ensinamentos de circo, também do carinho. Eu dava muita força para eles continuarem a trabalhar com circo. Eu sinto muita falta, porque eram todas as terças e quintas. Os Alunos não faltavam. Era um tempo muito bom esse tempo com eles. (SILVA *apud* MACEDO, 2021, *on-line*)².

Na Escola Picolino, ao longo dos seus 07 anos como professora, Neide Silva desenvolveu uma formação circense característica do circo social, que segundo Gallo (2009) constitui no desenvolvimento pedagógico preocupado com o multiculturalismo, estimulado pelas ideias de Paulo Freire e pela diferença entre classes sociais.

Os trabalhos de Paulo Freire permitiram a produção de um ideário pedagógico que permite aos professores-instrutores interagirem no próprio trabalho com o conceito de diferenças, sejam elas de gênero, etnia, classes sociais, divergências culturais, diferenças com os países mais desenvolvidos, etc. Tais diferenças caracterizam o Circo Social, seja pela tipologia das ações propostas pelas instituições, seja pela tipologia de sujeitos atendidos. Cionini (2006) também reconhece que a influência dos projetos pedagógicos não alfabetizantes como os de arte-educação, incluindo nesse conjunto o Circo Social, é devida principalmente ao arcabouço teórico desenvolvido por Freire, que os permeia com as ideias e valores éticos e morais dos quais se fez transportador e divulgador. Essa opinião é compartilhada por todos os pesquisadores de Circo Social, e eu também concordo que os Projetos de Circo Social atuam, quase em sua totalidade, por meio de uma pedagogia popular (GALLO, 2009, p.50).

² Acessado em 04/fev./2023 às 10:00.

Para Lafortune e Bouchard (2011), o circo social desenvolve uma metodologia cuja pedagogia visa a ação social e seu objetivo é promover o desenvolvimento integral e uma maior inclusão dos participantes na sociedade. Diferente do circo tradicional, o circo social não visa à obtenção de resultados técnicos, mas sim a busca pela cidadania e desenvolvimento de um trabalho processual, visto que a potência do circo social reside na experiência vivenciada (Bairrão e Tonini, 2021).

De acordo com Bairrão e Tonini (2021), o circo social favorece sobretudo o desenvolvimento da autoestima, pois o circo tem como essência a resolução de situações desafiadoras que parecem muitas vezes impossíveis ou difíceis de serem realizadas, mas com a prática, pode gradativamente transformar as inseguranças de quem pratica em autoconfiança. Os autores também escrevem sobre as habilidades que podem ser desenvolvidas com a prática das atividades circenses:

Um ganho notável é o desenvolvimento de habilidades sociais, tal qual a comunicação e empatia, uma vez que o/a circense se constrói a partir da ajuda mútua e, portanto, no coletivo – o que implica circunstâncias que suscitam posturas e funcionamentos básicos ao nível de uma organização social: como respeito ao jeito e tempo do próximo; colaboração e confiança entre o grupo e resolução conjunta de problemas (BAIRRÃO e TONINI, p. 4, 2021).

Segundo o “Guia do Educador de Circo Social”, documento produzido pelo Cirque du Soleil em 2011, as aulas regulares em um circo social são realizadas por uma equipe de instrutores de circo e/ou artistas circenses dispostos a ensinar um determinado público. Esse instrutor deveria ter paixão e talento, assim como a consciência de que será um modelo para os participantes. O guia sugere ainda que os instrutores podem incentivar os estudantes para superarem suas barreiras, convidando-os a se envolverem no coletivo de forma horizontal e, principalmente, sinalizar as semelhanças entre as lições aprendidas no circo e a realidade da sociedade. Os autores Lafortune e Bouchard (2011) argumentam:

A ideia geral a ser transmitida é que as aprendizagens adquiridas durante as aulas podem ser aplicadas na vida do dia a dia, que elas podem servir para desenvolver habilidades sociais, definir objetivos de vida, cuidar de si e dos outros, adotar atitudes positivas face às vitórias e derrotas da vida, pois estas se sucedem de modo imprevisível. (p. 36)

No projeto “Eles Merecem Aplausos”, vários ex-alunos e ex-alunas de Neide Silva na Escola Picolino destacaram o modo como a mestra ensinava os saberes circenses para as crianças e adolescentes. Em seus relatos, os ex-alunos comentam sobre o fato de a mestra sempre priorizar o cuidado técnico, atrelado ao afeto, e levar seus saberes e vivências adquiridas ao longo da vida, como um exemplo para favorecer um ambiente de aprendizagem afetuoso e acolhedor. Liliam Conceição e Luana Serrat comentam sobre essas vivências:

A Neide entrou na minha vida como um processo de construção histórica de circo, por toda a história e vida dela no circo como artista circense e como professora de contorção. Eu me lembro que muitas vezes nas aulas, além de ensinar a parte técnica da contorção, ela trazia muitas histórias sobre suas experiências e vivências no circo itinerante e a relação familiar das famílias circenses. Da relação das crianças com o circo. Ter uma professora como ela, amorosa e com uma vivacidade na técnica, no ensinar, ela acolhia muito bem, tinha uma organização e linha de pensamento, muito clara para ensinar e um acolhimento que fazia a diferença. Foi muito significativo. Aprendi não só a técnica do contorcionismo, mas também como acolher, como receber o outro, como ensinar (CONCEIÇÃO *apud* MACEDO, 2021, *on-line*)³.

Na Escola Picolino, ela sempre foi uma pessoa muito carinhosa, tratava os alunos sempre muito bem, a voíinha, como todos chamavam, era muito carinhosa dentro da escola. Tive oportunidade de conhecer a trajetória de vida, vivida por ela. Um caminho que fica como referência para os nossos caminhos. A Picolino é uma escola de circo, porque na trajetória teve no corpo de professores a Dona Neide (SERRAT *apud* MACEDO, 2021, *on-line*)⁴.

De acordo com Gallo (2009), a proposta pedagógica utilizada na Escola Picolino tem como base a ideia do desenvolvimento de ações afirmativas em busca do cultivo e do crescimento pessoal, técnico, profissional e de autoconhecimento dos estudantes. Com o propósito de estimular a pesquisa individual a partir das vivências grupais, o trabalho pedagógico é fortalecido pela produção coletiva.

Se, por um lado, as atividades em grupo colaboram para o desenvolvimento do conceito de cooperação e desenvolvimento individual, de outro, acredita-se que a permanência prolongada em um único grupo possa levar à consequência de que esse grupo se torne, de certa maneira, fechado, dificultando e não

³ Acessado em 05/fev./2023 às 12:00.

⁴ Acessado em 05/fev./2023 às 12:00.

estimulando os relacionamentos com pessoas externas a ele. Porém, as atividades desenvolvidas na Escola Picolino não são apenas no conceito de grupo e coletividade; as ações desenvolvidas encontram relação com o direito à liberdade, o respeito, a dignidade, além da educação, da arte, da cultura e da expressão (GALLO, 2009, p.91).

O desenvolvimento pedagógico desenvolvido por Neide Silva na formação dos estudantes da Escola Picolino, pode ser configurado como uma pedagogia da vida, o que nos traz referências acerca da pedagogia da autonomia, pensada por Paulo Freire (1996), cujas vivências sociais se relacionam com as experiências culturais, construindo um processo de ensino-aprendizagem mais humano e significativo.

No livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, Freire (2003) escreve no segundo capítulo que “Ensinar não é transferir conhecimento”. Ele reflete sobre a troca de saberes entre educador e educando e relata que o ato de ensinar exige, entre outras coisas, a consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, o respeito à autonomia do educando, o bom senso, humildade, tolerância, alegria, esperança e convicção de que a mudança é possível. No terceiro capítulo, descreve como acredita ser o papel de um educador:

A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nesta boniteza lugar para a negação da decência, nem de forma grosseira, nem farisaica. Não há lugar para puritanismo. Só há lugar para pureza. Este é outro saber indispensável à prática docente. O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Nenhum destes termos pode ser mecanicamente separado, um do outro. Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia, bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos (FREIRE, p 94, 2003).

Neide Silva trabalhou com as artes do circo por mais de 60 anos e desenvolveu sua pedagogia por meio dos saberes adquiridos com suas experiências e vivências nos circos itinerantes que circularam pelo nordeste do Brasil. Sua pedagogia reflete o que descreve Freire (2003), quando destaca a necessidade de o educador trocar saberes, respeitar a autonomia do educando, ter humildade, tolerância, alegria, esperança e convicção de que a mudança é possível. Na última parte da entrevista para o projeto “Eles Merecem Aplausos”, Neide Silva comenta:

Quando os alunos se formavam era uma alegria, um prazer. A gente sente orgulho de ver aquela pessoa fazendo aquilo que a gente ensinou, que a gente mostrou, passou os ensinamentos. Todas as formaturas foram um orgulho pra mim. Todos eles foram um orgulho. Eu tive muito aluno. Muitos depois de formados se tornaram professores em ONG, eu tive um aluno de contorção, que hoje é professor no Picolino de acrobacia e contorção, na escola onde ele foi meu aluno, agora é também professor. Tive a oportunidade de trabalhar com alguns ex-alunos em ONGs também. Eles me chamavam de Voíinha, eu era a voíinha de todos eles (SILVA *apud* MACEDO, 2021, *on-line*)⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes circenses, como manifestação cultural, transitam pelos diferentes espaços e classes sociais, exercendo fascínio e encantamento (Benício, 2018). Por meio da linguagem circense, artistas, pesquisadores e grupos propõem intervenções na vida social, juntando experimentação, pesquisa e atuação, para construir um processo de aprendizagem (Correia, 2023).

A formação circense, desenvolvida por Neide Silva na Escola Picolino, é constituída de saberes que precisam e podem ser contados para as novas e futuras gerações. A sua trajetória pedagógica nos mostra que um ensino humanizado amplia os processos de aprendizagem, preparando os estudantes não só para a vida artística, mas também como atuantes da vida cultural e social. Com sua paixão pelas artes do circo, a Mestre Neide Silva formou uma família circense e muitos profissionais que continuaram desenvolvendo os saberes do circo em diversos lugares do nordeste, do Brasil e em outros países.

Atuante por sete anos na Escola Picolino, ela continua ensinando a sua paixão pelo circo em consultorias e entrevistas, expandindo o seu legado através dos filhos e netos circenses e de todos os alunos que aprenderam com sua pedagogia de vida. Por meio da sua arte, contribuiu com a valorização dos saberes do circo na cena circense nordestina, tornando vivas as memórias dos saberes do circo nessa região.

O circo sempre foi inspirador e por várias gerações suas técnicas e suas artes são ensinadas e aprendidas. A pedagogia desenvolvida por Neide Silva traz luz sobre a importância de valorar o trabalho do circo social e as diversas pedagogias desenvolvidas

⁵ Acessado em 04/fev./2023 às 10:00.

dentro e fora das lonas. A Mestra nos ensina que os saberes do circo são mais do que uma arte, são um caminho para uma vida inteira.

O circo significa muita coisa, foi a minha convivência eterna. Viajando com o circo a gente vai aprendendo, o circo pra mim foi uma escola. O circo me ensinou a arte e a convivência com os circenses e com os artistas. Eu entrei no circo com 7 anos, e ali eu fui conhecendo artistas, donos de circo, circenses, e fui aprendendo números e fui vivendo os hábitos dos estados, das cidades. No meu caso eu aprendi sem estudar, nunca fiz nem o ABC, mas aprendi muita coisa, a respeitar, a conviver com as pessoas, ter bons hábitos, o circo é uma escola. O circo ensina a gente a viver (SILVA *apud* MACEDO, 2021, *online*)⁶.

REFERÊNCIAS

AVANZI, Roger e TAMAOKI, Verônica. **Circo Nerino**. São Paulo: Codex e Pindorama Circus, 2004.

BENÍCIO, Eliane. **Saltimbancos Urbanos: o circo e a renovação teatral no Brasil, 1980-2000**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CORREIA, Eliana Rosa. **As Escolas de Circo no Brasil e a presença das mulheres na formação circense**. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v.1, n.46, abr.2023.

FILHO, Juracy do Amor Cardoso. **Música, circo e educação: Um estudo sobre aprendizagem musical na companhia de Circo Picolino**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Música. Salvador, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 25ª. Edição, 2003.

GALLO, Fabio Dal. **Da rua ao picadeiro: Escola Picolino, arte e educação na performance do circo social**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Salvador, 2009.

LAFORTUNE, M. e BOUCHARD, A. **Community worker's guide: when circus lessons become life lessons**, Cirque du Soleil. Foundation Cirque du Soleil. 2011.

⁶ Acessado em 05/fev./2023 às 21:00.

MACEDO, Wilma. **Eles Merecem Aplausos - Neide Silva**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CiSuT4mUfm0> Acesso em 01 fev.2023.

SOUZA, Alda Fátima de. **A Memória do Circo Mambembe**: O palhaço Cadillac e a reinvenção de uma tradição. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Salvador, 2012.

TONINI, Gilvana e BAIARRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Presença e Propósito do Circo Social**: uma iniciativa popular autônoma. Psicologia & Sociedade, Recife, 2021.